



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	A função crítica da literatura em 1Q84
<b>Autor</b>	GABRIEL ENGELMAN DE LEÓN MADEIRA
<b>Orientador</b>	MARTA REGINA DE LEO D AGORD

O percurso da presente pesquisa iniciou-se com a análise da intertextualidade na obra *1Q84*, do escritor Haruki Murakami, ao encontrarmos relações com a leitura do duplo pela psicanálise e com as produções literárias do fantástico e da distopia. Realizamos leituras de Freud, George Orwell e também de Lacan, Debord e Agamben. Depois dessa primeira fase, consolidou-se como foco da pesquisa a função crítica que Murakami, assim como Orwell, provocaria em seus leitores.

No romance distópico de Orwell, *1984*, o personagem principal, Winston, sonha com fragmentos de uma cena de infância na qual ele está imóvel, olhando sua mãe e sua irmã que estão sendo afastadas dele. É uma cena de separação. A Winston, faltam referências para situar essa cena. Ela teria ocorrido em período anterior ao do regime totalitário (*Socing*) em que os habitantes da Oceania vivem. Tal regime é comandado por um partido que exerce o controle sobre os cidadãos e até mesmo do tempo, ou seja, substitui os fatos do passado sempre que conveniente. Em *1Q84*, Tengo, personagem de Murakami, sofre, de tempos em tempos, de uma perturbação paralisante quando lhe vem à mente a imagem de uma cena na qual ele seria o observador da intimidade entre sua mãe e um desconhecido. Ele supõe que se trate de um fragmento de uma cena de infância, assim seria uma lembrança, mas lhe faltam referências simbólicas para situar essa cena.

Enquanto no romance orwelliano as lembranças são reconstituídas em sonhos, em Murakami elas são tão vívidas que paralisam. Ambas não se deixam desvelar. O estudo do inconsciente mostrou que lembranças e ficções compartilham aspectos imaginários: não existiria uma memória pura, que não tenha passado pelo crivo da censura – mascarando aquilo que há de mais perigoso para o psiquismo. Esses fragmentos de infância dos personagens, portanto, são análogos aos que Freud analisa em seus pacientes.

Os três volumes de *1Q84* são marcados por um tema recorrente: o questionamento dos limites entre a fantasia/ficção e o real. Isso porque a trama do livro que está sendo reescrito por Tengo passa a dominar o plano da narrativa, ou seja, a história dentro da história, assim a ficção se torna realidade. Para analisar esse aspecto, nosso fio condutor foi o ensaio de Agamben “O que é o contemporâneo?”, no qual este nos mostra o papel de crítico social que tem o escritor contemporâneo com o seu tempo (aquele que vê o facho das trevas enquanto todos apenas enxergam a luz); Orwell o fez com relação aos totalitarismos que ameaçavam o mundo; já Murakami coloca em jogo o papel da verdade na sociedade: Tengo é um *ghost writer* que reescreve um romance que se originara das vivências de Fukaeri, registradas por uma amiga. Assim, a tarefa de Tengo foi a de transformar um testemunho em ficção.

Para Debord, a produção de um imaginário cria um esvaziamento político na sociedade, visto que não há necessidade de refletirmos eticamente se “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 1967). Murakami alude a essa filosofia ao colocar na fala do editor de Tengo a vontade de transformar o livro *Crisálida de ar* num best-seller e assim “ridicularizar os círculos literários (...) mexer nos bastidores desse sistema” (Murakami, 2012). Com essa fala do editor destaca-se a função crítica em *1Q84* quanto ao aspecto político nas ficções-verdades que socialmente produzimos, nas formas como percebemos o mundo (estas sempre marcadas por construções imaginárias) tanto a nível individual como coletivo.

A metodologia utilizada para a pesquisa inspira-se, de um lado, na Serendipidade, descrita por A. J. Bachrach como o encontro fortuito de objetos de valor (no nosso caso, insights) de forma acidental. De outro lado, no se deixar levar pelas produções inconscientes, tal como proposto pelo método psicanalítico originado na escuta flutuante freudiana.